

## O USO DOS ESPAÇOS PÚBLICOS: INFLUÊNCIAS DE SEUS LOCAIS DE INSERÇÃO NO TECIDO URBANO, NOS CASOS DA PRAÇA JÚLIO PRESTES E DO JARDIM DA LUZ<sup>1</sup>

**Vinícius GONZALES<sup>2</sup>**

Discente do Curso de Arquitetura e Urbanismo  
IFSP/*Campus* São Paulo

**Maria Cecília LUCCHESI<sup>3</sup>**

Doutora em Teoria e História do Urbanismo/EESC-USP  
Docente do Dep<sup>to</sup>. de Construção Civil/IFSP-*Campus* São Paulo

### RESUMO:

Relata-se aqui pesquisa de estudo de caso de dois espaços públicos – a Praça Júlio Prestes –, no bairro dos Campos Elíseos, e o Jardim da Luz, no bairro da Luz, ambos na área central da cidade de São Paulo. Os espaços foram investigados do ponto de vista do seu uso, tentando compreender se o fato de estarem localizados numa região degradada levou à subutilização de um deles e a utilização do outro para atividades consideradas socialmente não adequadas. Para isso, foram realizadas entrevistas com pessoas que trabalham nesses locais ou em equipamentos culturais anexos, sendo que os resultados permitem algumas conclusões que, aprofundadas futuramente, poderão ser interessantes subsídios para o projeto urbanístico de espaços públicos.

**Palavras-chave:** Espaços Públicos. Praças *Júlio Prestes* e *Jardim da Luz*. São Paulo. Área central.

### Introdução

Este trabalho procurou desenvolver uma questão específica de uma pesquisa mais ampla que vem sendo realizada sobre praças da região central da cidade de São Paulo, em que o objetivo é entender como se dá a apropriação dos espaços públicos pelos diversos usuários e o que leva um espaço a ser utilizado.

Durante a pesquisa dos dois espaços públicos aqui tratados, verificou-se que um deles, a Praça Júlio Prestes, estava praticamente vazia em todas as visitas feitas ao local, e seus poucos usuários ali eram moradores em situação de rua ou usuários de drogas.

---

<sup>1</sup> Trabalho resultante de Iniciação Científica.

<sup>2</sup> Endereço eletrônico: [vinigonzales@hotmail.com](mailto:vinigonzales@hotmail.com)

<sup>3</sup> Endereço eletrônico: [cecilia.lucchese@ifsp.edu.br](mailto:cecilia.lucchese@ifsp.edu.br)

Em relação ao Jardim da Luz, constatou-se um uso principalmente vinculado a atividades ilegais.

A observação detalhada e o mapeamento dos grupos de usuários que utilizam os espaços estudados mostraram a presença intensiva de públicos marginalizados, demonstrando que o projeto e o local onde este é inserido não devem ser encarados como elementos projetuais distintos, e sim, considerados como uma unidade, prevendo que a utilização se dará de acordo com a região e seu histórico social e econômico.

Isso levou a que se levantasse uma hipótese de que havia uma certa contaminação desses espaços pelo estado de degradação do tecido urbano do seu entorno, apesar de equipamentos culturais de porte estarem associados a ambos. Para verificar essa hipótese, foi desenvolvida uma pesquisa mais específica, cujas discussões estão registradas neste artigo.

Os resultados da pesquisa foram buscados com embasamento teórico nos escritos do antropólogo José Guilherme C. Magnani que versam sobre a importância do lazer na cidade e a forma como se dá a utilização de espaços públicos pelo homem.

Considera-se, ainda, que o estudo do uso e apropriação de espaços públicos é extremamente necessário de forma a melhorar a atividade projetual, buscando melhores condições para o usufruto dos espaços projetados.

O objetivo da pesquisa desenvolvida foi o de avaliar a utilização de espaços públicos, projetados ou não, procurando entender como se dá o uso de cada espaço pelos usuários, nos usos cotidiano ou esporádico, e como estes se relacionam com a concepção original do projeto, no caso dos espaços projetados.

Desenvolvida na forma de estudo de caso, a pesquisa se debruçou sobre duas praças localizadas na área central da cidade de São Paulo, nos bairros da Luz e dos Campos Elíseos. Uma das áreas é um parque urbano, implantado em 1825, no auge do período cafeeiro do estado de São Paulo e que, concebida como um “passeio público” ou “horto botânico”, foi um dos lugares frequentados pela elite cafeeira paulista. Trata-se do Jardim da Luz.

A outra área – Praça Júlio Prestes – era uma pequena praça de bairro, que fazia frente para a Estação Ferroviária Sorocabana, hoje Estação Júlio Prestes e Sala São Paulo, e que, em 1961, com a inauguração da estação rodoviária de São Paulo, com frente para ela em duas outras faces, tornou-se um terminal de ônibus urbano. Com a

desativação da estação rodoviária em 1982, a praça voltou a ser somente a frente da Estação Júlio Prestes. Anos mais tarde, em 1998, foi objeto de um novo projeto, desenvolvido pela arquiteta paisagista Rosa Kliass, implantado no ano seguinte, e que perdura até hoje.

A pesquisa acabou por mostrar que estes espaços, de certa forma, compartilham da deterioração do tecido urbano do seu entorno, área conhecida como “cracolândia”. Ainda que ambos sejam lindeiros a equipamentos de cultura públicos muito visitados, existe um divórcio entre o uso dos espaços culturais e o uso dos espaços das praças, em parte propiciado pelo fato de os equipamentos disporem de área de estacionamento interna, o que faz com que os visitantes não tenham contato com a cidade que os cerca.

Dessa forma, a pesquisa mais ampla acabou conduzindo a uma pesquisa paralela, procurando-se entender melhor se há uma contaminação das áreas verdes pelas atividades marginais e ilegais que ocorrem no seu entorno e se ela acontece em todos os momentos do dia e da semana, ou ainda, se existem períodos em que os locais são utilizados mais intensamente pelos moradores dos bairros. Este artigo procurou explorar os resultados desta vertente da pesquisa.

### **Um pouco de história**

Nesta seção, baseamo-nos em Mosqueira (2007) e Ribeiro (2001) para relatar a configuração dos bairros da Luz e dos Campos Elíseos. Trata-se de bairros antigos da cidade de São Paulo. A Luz, que surgiu ao longo do caminho para Santana e para a ponte que atravessava o rio Tietê a partir do centro velho – a Ponte Grande, foi durante o período colonial somente o local de passagem e onde ficava a Igreja da Nossa Senhora da Luz e o convento das concepcionistas. No século XIX, parte dos terrenos do convento foi vendida e ocupada por quartéis do exército e por cadeia pública.

Também na região foi implantado, em 1825, um horto botânico, onde em trecho do seu terreno seria inaugurada em 1901 a estação da estrada de ferro da São Paulo Railway, a estação da Luz. O horto botânico passaria então por uma reforma paisagística e seria transformado no Jardim da Luz, que teria o papel de ser a antessala da estação e local de lazer dos moradores de classe média do bairro do Bom Retiro e da elite cafeicultora que, aos poucos, se instalava em mansões no bairro dos Campos Elíseos.

Os Campos Elíseos surgiram de um loteamento aberto em 1878, que contou, desde seu início, com infraestrutura de água e esgoto, calçadas e ruas pavimentadas. Pensado para ser um bairro de elite, transformou-se, no final do século XIX, no primeiro bairro exclusivamente residencial e de elite da cidade de São Paulo, e nele, com a República, no palacete construído pelo cafeicultor e político paulista Elias Chaves, foi instalada a sede do governo do Estado, local que ficou conhecido como Palácio dos Campos Elíseos.

Contudo, no século XX, a partir dos anos 1930, estes bairros passariam a sofrer alterações. De um lado, a elite cafeicultora paulista aos poucos mudaria seu local de residência para o bairro de Higienópolis e para a Avenida Paulista, abandonando, aos poucos, os Campos Elíseos. A região no entorno da estação da Luz, que com a República passaria a abrigar uma série de edifícios públicos: quartéis, a Escola Politécnica, e que teria importantes obras viárias, como a implantação da Avenida Tiradentes, de grande largura e com um canteiro central arborizado, imitando um *boulevard* parisiense, aos poucos, também, seria transformada, seja pela alteração que ocorria no bairro dos Campos Elíseos, seja pelo decréscimo no uso do trem para o transporte de passageiros – o constante aumento de veículos particulares, que, durante o século XX deu *status* social aos seus proprietários, faria com que a estação ferroviária da Luz, bem como a da Sorocabana (instalada em 1872, hoje estação Júlio Prestes), fossem, paulatinamente, sendo abandonadas, o mesmo ocorrendo com o terminal rodoviário implantado nos Campos Elíseos em frente à Estação Júlio Prestes, que passaria a ter um caráter popular.

É a partir da década de 1940 que os bairros começam a se popularizar, aumenta o comércio varejista com esse caráter, a sede do governo do Estado é transferida para o Morumbi (1964), e teve impacto no abandono do bairro pela população de maior renda, e aos poucos os casarões dos Campos Elíseos foram sendo transformados em cortiços, enquanto que o bairro do Bom Retiro passou a abrigar cada vez mais emigrantes recentes, como armênios, coreanos e bolivianos.

Essas modificações levaram a uma alteração do poder aquisitivo dos frequentadores do Jardim da Luz, bem como da região da Júlio Prestes. Em 1982, a estação rodoviária foi transferida para Santana, às margens da Marginal Tietê, e o local foi ocupado por um *shopping* de comércio popular.

A partir do final da década de 1990, o governo do Estado passou a fazer esforços para revitalizar a região da Luz, através da implantação de grandes equipamentos culturais, como a Pinacoteca do Estado (reformada em 1998), a Sala São Paulo (inaugurada em 1998), a Estação Pinacoteca e o Museu da Resistência (reformada em 2004) e o Museu da Língua Portuguesa (2006). Também é dessa década o desenvolvimento de projeto paisagístico para a Praça Júlio Prestes.

Ainda que estes equipamentos culturais atraiam um grande número de pessoas e que esforços também sejam feitos pela Prefeitura da Cidade, com a criação do evento “Virada Cultural”, que tem levado multidões à região central da cidade e para *shows* em palcos na Luz e na Júlio Prestes, a área não sofreu modificações significativas no tipo de público que a frequenta diariamente, sendo considerado um local inseguro e onde ocorrem atividades ilegais.

Para o território que vai da Pinacoteca à Estação Júlio Prestes, é possível se usar a expressão “mancha” conceituada por Magnani (2008):

São as manchas, áreas contíguas do espaço urbano dotadas de equipamentos que marcam seus limites e viabilizam – cada qual com sua especificidade, competindo ou complementando – uma atividade ou prática predominante. Numa mancha de lazer os equipamentos podem ser bares, restaurantes, cinemas, teatros, o café da esquina, etc., os quais, seja por competição ou complementação, concorrem para o mesmo efeito: constituem pontos de referência para a prática de determinadas atividades... (MAGNANI, 2008, p. 40-41)

Entretanto, a mancha que este território forma pode ser considerada como mancha de marginalidade, pontuada por grandes equipamentos culturais com amplos estacionamentos, onde se chega de carro, sem contato com a rua. Esta, por sua vez, é frequentada por um grande número de considerados párias sociais: moradores de rua, viciados em *crack*, prostitutas, trombadinhas, movimentos de moradores sem teto *etc.*

É uma região que não é vivenciada pelos “estrangeiros”, isto é, por aqueles que moram em outros bairros da cidade, que a veem como um local inseguro. Apesar disso, e mesmo que a Praça Júlio Prestes pareça estar sempre vazia, sabe-se que o Jardim da Luz é o local de lazer nos finais de semana dos moradores da região, atraindo um contingente considerável.

Foi essa disparidade de frequência entre os dias úteis e o final de semana que acabou por determinar um viés específico para este estudo, um recorte na pesquisa, que procurou entender como esses locais são utilizados durante os vários períodos do dia e da noite. Os resultados obtidos, bem como a forma como a pesquisa foi realizada estão na seção seguinte.

### **Análise e discussão dos dados**

Como método de aproximação dos objetos de pesquisa, elaborou-se um roteiro de levantamento de campo com perguntas para entrevistas a serem respondidas pelos funcionários dos equipamentos – públicos ou privados – nas proximidades dos espaços estudados, isto é, na Praça Júlio Prestes e no Jardim da Luz.

O roteiro das entrevistas (cf. anexo 1) foi elaborado com perguntas abrangentes, visando-se a obter um panorama, tanto quantitativo quanto qualitativo, das atividades que se desenvolvem nos espaços. A entrevista foi realizada numa segunda feira, dias 10, 17 e 24 de agosto de 2016, das 14 às 16h, no mês de agosto, das quais participaram: seis seguranças do Jardim da Luz, dois seguranças da Praça Júlio Prestes, um segurança da sala São Paulo e dois comerciantes com negócios situados na mancha de marginalidade. O perfil dos entrevistados foi: sexo masculino, adultos jovens com conhecimento sobre a região e as áreas de estudo.

#### *Praça Júlio Prestes*

A Praça Júlio Prestes coloca-se no ambiente fazendo frente com a Sala São Paulo, de modo que o acesso para as áreas consideradas centrais da praça ocorrem pela calçada, que possui uma composição paisagística de espaços secos e interligando o equipamento cultural à área verde, criando um ambiente que poderia ser considerada uma unidade.

No entanto, os usuários de ambos os locais possuem características sociais distintas: os usuários da Sala São Paulo são, em geral, pessoas de alta renda com elevado nível cultural e social, uma vez que as atividades que acontecem no edifício consistem em concertos de música erudita, logo, devido ao acesso dessas pessoas ao local por veículos particulares e pelo fato de haver um grande estacionamento de acesso

restrito aos usuários do edifício, seu contato com a Praça em frente ao edifício é praticamente inexistente. Em contraponto a isso, a Praça Júlio Prestes, situada imediatamente à frente do espaço anterior, tem como usuários prioritariamente um público marginalizado, tais como moradores de rua e usuários de drogas.

O local onde se ergue o monumento dedicado a Alfredo Maia – político que comandou o Ministério dos Transportes no governo de Campos Sales – tornou-se, com o tempo, um banheiro público e lixão ao ar livre, utilizado por aqueles que se apropriam do local, o que, pelos elementos coletados nas entrevistas realizadas com os policiais da praça, é possível inferir que contribui para inibir as possíveis utilizações do local, tanto pela sujeira presente quanto pelas pessoas que as geram, levando medo à população e, possivelmente, acaba por atrair mais moradores de rua e usuários de drogas, num círculo vicioso. Na área circundante à praça, é notória a presença ostensiva de viaturas policiais, que, embora tornem o ambiente mais seguro, também o tornam um espaço mais hostil, porém, conforme foi dito pelos segurancas durante as entrevistas, quando não há o policiamento constante da área, os usuários da praça assaltam os comércios existentes na região, bem como furtam as pessoas e assaltam os carros parados nos semáforos.

Com relação ao projeto, é possível notar que um dos atrativos para o público marginalizado é a presença de vegetação e gramado em toda a sua extensão, compondo grandes espaços com sombra, permitindo maiores períodos de permanência. Ao atravessar a Alameda Cleveland, em frente à estação de trem Júlio Prestes, encontra-se uma praça de tamanho reduzido com relação à Júlio Prestes, que possui bancos “antimendigo”<sup>4</sup>, piso pavimentado e pouquíssima vegetação, o que a torna hostil e agressiva à permanência prolongada, especialmente nos dias quentes e com radiação solar intensa. Nesse espaço, verifica-se que, na maior parte do tempo, não há usuários, o que provavelmente demonstra a influência da falta de vegetação na utilização dos ambientes públicos urbanos.

Ainda com relação ao projeto, os trilhos da estrada de ferro assentados em parte da praça, pensados como memória da estação ferroviária da Sorocabana, constitui um elemento de divisão de espaços, de modo que atravessá-los ao caminhar pela praça é um

---

<sup>4</sup> Alterações arquitetônicas em equipamentos ou espaços cuja função é afastar moradores de ruas dos locais nos quais foram instalados.



percurso desagradável e compõe uma barreira psicológica para a compreensão da amplitude do total da área.

Quanto ao questionamento sobre alterações de projeto, todos os entrevistados acreditam que, mesmo que o projeto implantado fosse alterado, as condições de uso do espaço não seriam afetadas, visto que a praça situa-se numa região central fundamentalmente comercial, de modo que não possui vida noturna, o que acaba gerando um maior receio da população do local e, além disso, situa-se com proximidade à “cracolândia”, tornando o território ainda mais inseguro e hostil para os moradores da região.

### *Jardim da Luz*

Localizado ao lado da Pinacoteca do Estado de São Paulo e em frente à Estação da Luz, o Jardim da Luz, inicialmente concebido para funcionar como um Jardim Botânico, possui grande extensão territorial e apresenta-se como um espaço natural com grande expressão paisagística, o que torna o ambiente ainda mais agradável.

O amplo espaço liga-se à Pinacoteca, um edifício que possui fins culturais, entretanto, mesmo em se tratando de dois tipos de usos totalmente diferentes, ligados diretamente entre si, é possível observar uma utilização do Jardim pelos visitantes do espaço cultural, uma vez que, de acordo com os seguranças do local, é grande sua frequência no parque, em especial nos finais de semana e feriados, quando um grande número de turistas visita a Pinacoteca e depois aproveita para desfrutar do Jardim.

O local, por ser amplo, possui usos, atividades e grupos de usuários diversos em alguns períodos do dia. Por exemplo, durante a manhã, é utilizado por pessoas idosas com finalidades esportivas, coletivas ou individuais, utilização que é intensa, em especial por pessoas que trabalham no entorno ou que moram nas proximidades, funcionando como academia durante todos os períodos do dia, por um grande número de usuários do sexo masculino.

Segundo os entrevistados, a apropriação do local acontece intensamente também por famílias, especialmente na área de lazer infantil e durante os finais de semana e feriados. Os diversos bancos existentes no espaço são utilizados por inúmeras pessoas, sozinhas ou em grupos – em especial homens de meia idade sozinhos, que, de acordo com as informações levantadas junto aos funcionários do local, são, em geral, pessoas



que se utilizam dos albergues do entorno e frequentam diariamente o local para descanso. Todavia, principalmente após o horário de almoço, é intensa a presença de garotas de programa, ocupando bancos existentes em toda a extensão do parque.

A grande aleia existente no jardim cria um eixo de circulação gerando grandes multidões que utilizam o espaço apenas com o intuito de passagem durante todos os períodos do dia, em especial durante o fim da tarde, momento em que o comércio da Rua José Paulino encerra o expediente, assim como as escolas da proximidade, tornando o Jardim um ambiente de intensa circulação, e os bancos localizados na extensão da passagem estão sempre ocupados, conforme as informações levantadas, por um público de classe média baixa, ou alguns poucos moradores de rua que, em geral, fazem uso do espaço devido a sua facilidade de acesso.

Diferentemente da Praça Júlio Prestes, o local, apesar de ser público, possui tempo definido de funcionamento durante os dias da semana, e também tem manutenção periódica do gramado e dos mobiliários, como fontes, além da higienização das áreas.

Sobre o questionamento acerca de possíveis alterações no projeto, todos os entrevistados acreditam que, mesmo que o desenho implantado fosse alterado, as condições de uso do espaço não seriam afetadas, uma vez que o jardim situa-se numa região central, onde há diversos equipamentos culturais que atraem os turistas que visitam o local, além de possuir um ambiente agradável, que propicia o ócio dos albergueiros e trabalho para as diversas garotas de programa, logo, o que poderia mudar com alterações de projeto seria a direção do fluxo de pessoas que utilizam o local como passagem, mas a utilização, em si, não.

Por fim, os comerciantes da região entrevistados não trabalham no período da noite e relatam que o local possui grande fluxo de pessoas durante a maior parte do dia, e pessoas de todos os tipos, em especial moradores de rua e usuários de drogas que se instalam também na área circundante à Estação da Luz. Caracterizam o espaço como área marginalizada e alegam que ambos os equipamentos públicos não possuem conexão entre si, embora muito próximos, visto que o Jardim da Luz possui um público mais “tranquilo” enquanto que a Júlio Prestes possui usuários que tem conexão direta com a “cracolândia”.

### Considerações finais

A partir das entrevistas e da análise dos resultados obtidos, pode-se concluir que, mesmo com o entorno degradado de áreas verdes públicas possam vir a ter impacto direto na forma como se dá sua utilização, no caso destas duas áreas, isto só se configurou, conforme a análise das entrevistas, como verdadeiro para uma delas.

A Praça Júlio Prestes, desde as observações preliminares da pesquisa mais ampla, mostrou-se a maior parte do tempo sem uso, ou ocupada por alguns moradores de rua assim como por usuários de drogas. As entrevistas realizadas consolidaram a ideia que já se apresentava inicialmente, isto é, de que a degradação do entorno tem rebatimento direto no uso do local.

Apesar de ela estar situada em frente a dois equipamentos públicos, de um lado a Sala São Paulo e de outro a estação Júlio Prestes, que dá acesso aos trens que servem aos municípios localizados na porção oeste da Região Metropolitana de São Paulo – portanto frequentada por um grande número de pessoas que fazem seu acesso a pé, não é utilizada como ponto de descanso ou de espera de amigos ou parentes, nem serve de local de espera para os que se dirigem aos espetáculos da Sala São Paulo. A pecha de região da “cracolândia”, repetida por vários entrevistados, parece condená-la a ser um espaço vazio na cidade, vazio pelo seu uso e pelo seu significado na estrutura urbana.

Já o Jardim da Luz parece não ter recebido a mesma influência do seu degradado entorno. A Pinacoteca que atrai turistas e pessoas de várias partes da cidade e da região metropolitana é, em parte, responsável pela utilização do Jardim da Luz, podemos dizer que transborda para o parque uma parte do seu público, o que garante uma animação que, por sua vez, atrai mais pessoas.

Mas mesmo que isso não ocorresse, o uso cotidiano por moradores do entorno, por garotas de programa e por aqueles que o utilizam como passagem entre ruas comerciais no final do horário de trabalho parece garantir ao local uma aura de segurança e pertencimento, que lhe dá significado como lugar, como espaço que pertence à cidade e aos seus moradores.

Teriam os projetos implantados alguma influência na utilização destes espaços? Se o Jardim da Luz fosse uma praça seca, teria um uso menor e seria um local menos agradável para fruição ou contemplação?

Existe uma tendência a buscar algumas respostas, a dar algumas opiniões sobre os projetos, a julgá-los pelo que são e pelo que significam aos olhos dos pesquisadores. Portanto, todas as indagações são possíveis e válidas, mas que não podem ser respondidas pela pesquisa específica realizada, ainda que esta tenha servido para demonstrar que os espaços públicos não têm necessariamente sua utilização determinada pelos usos e atividades que acontecem em seu entorno.

### Referências bibliográficas

MAGNANI, J. G. C. Quando o Campo é a Cidade: Fazendo Antropologia na Metrópole. In MAGNANI, J. G. C. e TORRES, L. de L. (orgs) – **Na metrópole** – textos de antropologia urbana. São Paulo, EdUsp/Fapesp, 2008.

MOSQUEIRA, T. M. **Reabilitação da região da Luz** – Centro histórico de São Paulo: Projetos urbanos e estratégias de intervenção. 2007. 192f. Dissertação (Mestrado na área de concentração de Planejamento Urbano e Regional). FAU-USP – Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de São Paulo, São Paulo. 2007.

RIBEIRO, C. R. D. **As Praças das Estações Ferroviárias Metropolitanas de São Paulo: Traçado, Forma e Função**. 2008. 238f. Dissertação (Mestrado na área de concentração de Arquitetura e Construção). FEC – Faculdade de Engenharia Civil, Arquitetura e Urbanismo da UNICAMP, Campinas. 2001.

### ***THE USE OF PUBLIC SPACES – INFLUENCES THEIR INSERTION SITES IN THE URBAN ÁREA, IN THE CASE OF PRAÇA JÚLIO PRESTES AND JARDIM DA LUZ***

#### **ABSTRACT:**

*This paper shows a specific research in two public spaces – the Julio Prestes square –, at Campos Elíseos neighborhood, and Jardim da Luz, at Luz neighborhood, both of them in São Paulo city downtown. The research were done looking to the spaces usage, trying to understand if the almost no-use of one of them, and the use of the other to activities considered socially no suitable, it is a kind of contamination because they are into a decadent neighborhood. For this purpose, some interviews with staff of these places or cultural equipment annexes were done, and the results allow some conclusions, that we intend to expand the investigation in the future, so, this could give interesting contribution to the urban design of public spaces.*

**Key words:** Public spaces. Square Praça Júlio Prestes and Jardim da Luz. São Paulo. Downtown.

**Enviado: Outubro/2016**  
**Aceito para publicação: Novembro/2016**

**ANEXO**

**Instrumento de Pesquisa**

Sexo:

Idade:

Ocupação:

Frequência de uso:

Media diária:

Motivo da escolha do lugar:

Pra que utiliza o espaço:

Espaço adequado:

Impedimento:

Espaço bem utilizado:

Pontos positivos e negativos:

Positivos –

Negativos –

Sugestão de melhoria:

*Notas:*

Horário da entrevista:

Dia da semana: